

## **ANÁLISE DAS TECNOLOGIAS E SUAS IMPLICAÇÕES DE DEPENDÊNCIA PARA O HOMEM POR INTERMÉDIO DAS REFLEXÕES DE HEIDEGGER**

**PEREIRA**, Djalma Gonçalves - UNIUBE – [djalma.pereira@uniube.br](mailto:djalma.pereira@uniube.br)

**ET:** Didática e práticas de ensino / nº 04

Serenidade é o resultado do discurso de Martins Heidegger em 1955 em comemoração ao aniversário de 175 anos do compositor alemão Conradin Kreutzer. Em seu discurso Heidegger destaca a importância do pensamento, inclusive nas comemorações, pois afirma que sem o pensamento não há comemoração verdadeira, porque pensar é meditar.

Para Heidegger as coisas que fazem parte de uma comemoração não tem sentido sem a meditação sobre tudo que diz respeito a ela.

Nem sempre as comemorações nos levam a uma meditação, Heidegger conclui que o motivo disso é a pobreza de pensamento do homem moderno, pois tornou-se pobre-em-pensamento.

Em serenidade, Heidegger reflete sobre a essência da técnica moderna e mostra a necessidade de recuperar o que ele define como pensamento meditativo. Devemos destacar que esse posicionamento de Heidegger não nega a técnica, mas nos leva a repensar a relação do ser humano com a ela.

Ele destaca a necessidade de nos mantermos como seres pensantes, pois é essa a característica que define o homem e o faz ser diferente dos demais seres, ser um ser pensante.

A pobreza de pensamento que tomou o homem se caracteriza pela indiferença ou mesmo desinteresse pela meditação. O homem não quer ter o trabalho de pensar.

Heidegger nos convida a refletir sobre a essência do que classificamos como pensar, devido a carência de pensamentos que se faz constante por todo o lado no mundo de hoje, pois, somos estimulados e incentivados a aprender de maneira mais rápida e mais barata, para em seguida ser esquecida. Esse fato esse que nos torna cada vez mais pobres em pensamentos.

O homem contemporâneo foge do pensamento. Ele não quer sequer reconhecer a fuga, muito pelo contrário, afirma o oposto, apontando sempre em sua

absolvição tudo o que o conhecimento científico tem produzido. Isso se justifica através da definição de Heidegger em que há um tipo de pensamento que se tornou indispensável ao homem: o pensamento calculador. Ele possui um caráter particular, que conta e calcula, verificando novas possibilidades, cada vez mais ricas em perspectivas e ao mesmo tempo mais econômicas em todos os sentidos da vida.

Esse pensamento calculador não nos deixa prazo e leva-nos de uma possibilidade a outra rapidamente. Ele não busca o sentido: ele apenas antecipa, não se espanta e não medita.

Sendo assim, podemos classificar dois tipos de pensamento definidos por Heidegger, ambos legítimos: O pensamento calculador e o pensamento meditativo.

O pensamento que meditativo é aquele que Heidegger tem em mente quando afirma que o homem está fugindo permanentemente do pensamento.

Na verdade se considerarmos o processo do pensamento meditativo e o processo do pensamento calculador perceberemos que o meditativo depende de um esforço para acontecer, comparado ao pensamento calculador que não requer esforço significativo, apenas surge como ferramenta de resolução de problemas.

Por isso, ambos os pensamentos são importantes, o pensamento que calcula e o pensamento que medita, pois apesar do homem supervalorizar o pensamento que calcula este não é o único modo que ele possui para lidar com as coisas, com as outras pessoas e principalmente consigo mesmo.

O pensamento que calcula é o que rege a tecnologia, pois é centrado na própria razão humana. Trabalha mediante cálculos e previsões, convertendo o mundo em um objeto conformado com resultados eficazes que facilitam a vida, permitindo ultrapassar barreiras. Essa eficácia, porém não existe se houver apenas um tipo de pensamento, um único modo de existir. Somente quando o pensamento que medita, refletir no cerne da técnica, fazendo-nos repensar a própria técnica, levando-nos à essência da técnica que vigora a nossa volta, trilharemos o caminho da serenidade.

Como papel relevante para o esquecimento do ser está a disponibilidade das tecnologias juntamente com a sua condição de trazer alívio. Mediante a sua função, um dispositivo tecnológico tende a promover a redução de um esforço ou a libertação de uma dificuldade. A disponibilidade de um produto significa que o mesmo pode ser consumido de maneira instantânea e normalmente, segura e fácil. Basta pensarmos no alívio imediato de acender uma lâmpada em um local escuro,

do prazer de ouvir uma música ao pressionar um simples botão ou mesmo o acesso as mais diversas informações através do clique em um mouse. Todos estes aparelhos tem como característica estar sempre a mão.

Esse esquecimento determina, segundo o Heidegger, um acontecimento que atinge, não só o pensamento do homem, mas determina todo o modo de ser no mundo, inclusive o abandono do enraizamento que deveria ser constituído a partir do pensamento do homem.

O pensamento que medita é descartado, pois é antes de tudo um repousar em si, exige paciência e tempo. O homem quer rapidez e resultados, nos deixando seduzir pelo pensamento que calcula, assim, sendo dominado por ele e conseqüentemente perdendo as próprias raízes.

Heidegger compreende por tecnologia a herança da técnica recebida da tradição ocidental que precisa ser conquistada a cada dia, pois ela nos aprisiona e liberta. Aprisiona-nos quando nos apropriamos dela aceitando todas suas imposições culturais, sociais e de valores sem meditar a respeito. Nos liberta quando nos colocamos a pensar sobre sua essência, não permitindo que nossas raízes sejam desconsideradas.

A necessidade de contexto para o uso dos dispositivos tecnológicos que podem ser usados para diversos fins e combinados entre si sem muitas restrições, seja a causa que torne a nossa relação com os mesmos, descompromissadas, sem a necessidade de pensamento para utilização. Este fator é fortemente estimulado pelas propagandas que divulgam as combinações mais inesperadas para os dispositivos tecnológicos acentuando seu caráter de superficialidade.

A filosofia é o recurso necessário que o homem precisa para superar a falta de preparo para esta transformação do pensamento, pois a filosofia como pensamento hermenêutico, deverá ser capaz de transformá-lo, pois se caracteriza, segundo Heidegger, como dimensão originária do existir.

A modernidade descobriu com Descartes que o homem como exigência de sentido descobriu o "cogito" (o sujeito é uma necessidade do conhecimento), mas esqueceu que é também sentido.

Para Heidegger, o sentido do mundo técnico é oculto, deixando-se entrever e ao mesmo tempo escondendo-se, que o dá a característica de um segredo ou mistério.

Mistério ou segredo é tudo que está oculto, por isso, não pode ser concebido nem compreendido, e o mundo técnico é marcado pelo mistério, permanecendo oculto para cada um de nós.

Heidegger acredita que o homem não é capaz de desvendar o mistério que envolve a técnica sem o pensamento meditativo. Sem ele, podemos dizer quem foi o cientista que fez uma dada descoberta, mas nunca poderemos explicar os motivos que levaram o cientista a fazê-la.

O mistério sempre oculto só se revela a medida que, por meio da serenidade, desvelarmos o ser que está oculto por detrás da técnica. Dizer sim e não a técnica é estar junto a técnica, mas não dentro dela. A verdade não é a adequação, mas o desvelamento! Desvelamento esse onde Heidegger fundamenta sua ideia de que a verdade é a revelação.

O fato é que o *dasein* (ser-aí ou ser-no-mundo) nos guia a revelação. O *dasein* começa por existir no mundo segundo um modelo relacional, segundo o modelo da disponibilidade. A verdade como revelação tem como fundamento a verdade como pressuposição. Não existe verdade em si, mas verdade para o homem, porque ele acredita nela.

Precisa-se restaurar a verdade que vai ser o objeto do pensamento meditativo. Só se pode restaurar a verdade quando o homem tomar consciência da sua historicidade. O que levanta a questão da historicidade é um fato muito mais crucial e mais significativo, que é a questão ontológica onde o ser, enquanto possuidor de sua natureza pensante, assume sua dimensão meditativa do pensamento e assim contribuir para a revelação da verdade.

Experimentar a historicidade como negação as coisas que nos dominam por vontade própria, leva-nos ao confronto do homem com aquilo que ele não é. Pois o homem só é na relação que estabelece com as coisas que o rodeia.

Heidegger afirma que para compreender a historicidade é preciso alcançar a questão do existir como *dasein*, pois é do *dasein* que se parte para chegar à questão do seu sentido e da sua historicidade. Daí a urgência em recuperarmos a dimensão meditativa do pensamento!

A modernidade esqueceu o ser e a realidade. Uma coisa é viver absorvido pela técnica, outra coisa é ler o mundo, habitar num mundo lendo a outra dimensão do sentido literal ou técnico que essa dimensão tem. Em um sentido Heideggeriano, viver velado!

A proposta de Heidegger em 55 do século passado se mantém ainda atual e ainda mais real, pois o homem se embrenhou pelo caminho do aperfeiçoamento constante a tecnologia, promovendo o determinismo cabal dos processos produtivos e das relações humanas via artefatos tecnológicos.

A aceleração das informações via tecnologia impediu o homem de pensar a respeito delas, sendo apenas um receptor e propagador das mesmas, não havendo tempo para meditar sobre seus impactos, consequências ou verdades. Aliás, todo esse acesso as informações velaram ainda mais a verdade, aumentando o mistério da técnica e das tecnologias junto ao homem.

Nesse sentido as reflexões de Heidegger acenam para um reencontro do homem com o ser e com a verdade. É preciso reconhecer a necessidade do desvelamento do ser para encontrarmos a verdade e a partir dela recuperar o pensamento meditativo que nos fornecerá condições de encontrar a serenidade com a utilização do sim e do não nas relações com a técnica e as tecnologias. Ficando livres da prisão que é imposta pela aceitação da tecnologia, desnuda do pensar meditativo.

Nós, os seres humanos nunca estamos prontos e acabados, na medida em que descobriremos novas tecnologias, teremos a oportunidade de nos refazermos e nos recriarmos junto com elas através da liberdade do ser frente ao pensamento meditativo.

Palavras-chave: Tecnologia. Pensamento. Heidegger.

## Referências

HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Serenidade**, Rio de Janeiro: Instituto Piaget 2001.

RAFAEL, Maria Aparecida. A questão da tecnologia no pensamento de Martin Heidegger ou uma possível leitura da conferência “serenidade” (1959). **Existência e Arte** – Revista Eletrônica do grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Arte da Universidade Federal de São João Del-Rei – Ano III – Número III – janeiro a dezembro de 2007.